

PROTOCOLO DE PSICOTERAPIA BIPESSOAL COM CRIANÇAS NO CONTEXTO PSICODRAMÁTICO

Protocolo de psicoterapia bipessoal com crianças no contexto psicodramático

Resumo

O objetivo geral deste artigo é apresentar o histórico da psicoterapia com crianças no Psicodrama desde Moreno até os autores nacionais atuais. O objetivo específico é expor um protocolo de atendimento infantil na modalidade do psicodrama bipessoal, detalhando todas as fases desde avaliação psicológica, orientação aos pais, intervenção psicoterápica até término do tratamento. A avaliação psicológica engloba uma parte qualitativa, por meio de entrevista com os pais, de aplicação à criança de testes projetivos, de ludoterapia e de técnicas psicodramáticas e uma parte quantitativa com a aplicação de instrumentos psicométricos de acordo com a demanda de cada criança. O contato com os responsáveis tem o intuito da devolução dos resultados obtidos e da apresentação do projeto de tratamento da criança.

Palavras-chave: Psicodrama, criança, protocolo, avaliação, intervenção.

Protocolo de psicoterapia bipessoal com crianças no contexto psicodramático

“Existe psicodrama com crianças?” Essa pergunta foi feita por Sílvia Petrilli em sua apresentação no XIII Congresso de Psicodrama, na Costa do Sauípe, em 2002. A resposta a essa pergunta foi dada pela autora naquele congresso, e espero poder também respondê-la por meio da apresentação deste trabalho. Faço minhas as palavras de Petrilli (2002) quando a autora diz que há poucos psicodramatistas que trabalham com crianças e menos ainda os que são formadores dessa modalidade psicoterápica. Tal fato é evidente pelo número de publicações em menor escala sobre psicoterapia infantil na abordagem psicodramática em relação à psicoterapia psicodramática com adultos. Há alguns anos, poucos se dedicavam a esse tipo de atendimento. Hoje, mais profissionais estão trabalhando com crianças, mas eles ainda são minoria. Devemos muito aos psicodramatistas precursores do psicodrama com crianças, que, com suas pesquisas, artigos, aulas e supervisões, nos ajudaram a desenvolver esse tipo de atendimento. São muitas as dúvidas e aflições que os psicoterapeutas que tratam de crianças experienciam no dia a dia. Dentre elas, destaco o atendimento dos pais, a avaliação da criança e o momento de dar alta ao paciente. O objetivo geral deste artigo é expor uma retrospectiva histórica do Psicodrama com crianças desde trabalhos desenvolvidos por Jacob Levy Moreno até as obras de autores nacionais atuais sobre o tema.

O objetivo específico tem como intuito dar embasamento teórico e vivencial para que o atendimento clínico infantil seja mais satisfatório e eficiente, diminuindo essas dificuldades por parte dos psicoterapeutas infantis, através da apresentação de um protocolo de atendimento bipessoal com crianças a partir da abordagem psicodramática.

Trabalhos desenvolvidos com crianças por Moreno

Moreno (1993), quando estudante, entre 1908 e 1911, trabalhou com pequenos grupos de crianças, nos jardins de Viena, onde propôs e improvisou brincadeiras, distribuindo diferentes papéis a cada uma delas. Com relação a essa experiência de Moreno com crianças nos jardins de Viena, Ferrari e Leão (1984) descrevem alguns conceitos psicodramáticos importantes que surgiram a partir dessa experiência, como o trabalho com pequenos grupos, os grupos dispostos em círculos concêntricos, a própria escolha do grupo e do líder sociométrico, as histórias improvisadas, a liberação da agressão sendo exteriorizada em forma de jogo, a criação de novos finais para as histórias, as mudanças de papéis nessas histórias, os conceitos de inversão de papéis para a melhoria do autoconceito, os testes de improvisação como precursores dos testes de espontaneidade e criatividade e a escolha sociométrica de pais que fornecem uma base para uma análise das inter-relações familiares necessárias para diagnóstico e tratamento. Moreno (1983), no seu próprio seio familiar, explorou o universo da criança, com seu filho Jonathan, tornando a vida doméstica da família mais enriquecida e mais cheia de aventuras com o Psicodrama e suas técnicas. Petrilli (2002) relembra outros trabalhos de Moreno com criança, destacando o adestramento da espontaneidade, os testes e diagramas de Papéis e o protocolo do atendimento de Karl, “O Tratamento Psicodramático do Comportamento Neurótico Infantil - O método do psicodrama simbólico, Viena 1922”. Filipini (1994) esclarece que Moreno usou o termo “psicodrama simbólico” porque o princípio do tratamento era o de representar a situação traumática central em numerosos ensaios e versões para reduzir a um mínimo a tensão angustiada da criança. Foram poucos os trabalhos de Moreno com crianças, mas se tornaram significativos na formulação das teorias psicodramáticas tais como papéis,

espontaneidade-criatividade, matriz de identidade e outras, que embasam os trabalhos dos profissionais que trabalham com o universo infantil.

Histórico do Psicodrama com crianças no Brasil

Como refere Petrilli (2002), a primeira publicação brasileira que sistematizou o Psicodrama com crianças foi o artigo de Ferrari e Leão (1984), “Psicodrama infantil: teoria e prática”, apresentado no III Congresso Brasileiro de Psicodrama, em 1982, e, posteriormente, publicado na revista da FEBRAP.

Para efeitos de um cotejamento sobre os trabalhos sobre essa temática no Brasil, destaco também o trabalho de Petrilli (1984) apresentado também no mesmo Congresso Brasileiro de Psicodrama e publicado posteriormente com o título “Abordagem psicodramática de uma criança e seus pais”. Outra obra que merece destaque é “Psicodiagnóstico infantil – a utilização dos modelos psicanalítico e psicodramático”, de Peres (1985), em que a autora relata a utilização do método moreniano aplicado em crianças, integrando-o aos conceitos e práticas da psicodinâmica.

Uma grande referência no atendimento com crianças no contexto psicodramático é o livro “Psicodrama com crianças – Uma Psicoterapia Possível” de Gonçalves (1988) com o detalhamento das técnicas utilizadas nessa psicoterapia e as fases da sessão psicodramática com exemplos de atendimentos com crianças.

Desde então, mais psicodramatistas vêm expondo seus trabalhos em congressos e revistas especializadas sobre o Psicodrama com crianças, como Filipini (1994), que expõe reflexões sobre a prática psicodramática com crianças, Rebouças (2008), que relata seu trabalho com os objetos intermediários e intra-intermediários na psicoterapia psicodramática infantil e Pinto, Lima, e Costa (2009), que trabalham com sociodramas em abrigos infantis.

Filipini (2014) também publicou uma obra importante em que detalha as fases da sessão sociátrica com crianças e o manejo adequado do psicoterapeuta para essa faixa etária.

Protocolo de atendimento de psicoterapia bipessoal com crianças no contexto psicodramático

A observação sistemática das etapas de sessões psicodramáticas realizadas com crianças culminou na construção deste protocolo de atendimento bipessoal infantil.

Avaliação

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a infância engloba a faixa etária de até 12 anos de idade incompletos. Eis o público alvo deste protocolo.

Alguns modelos de atendimento infantis divergem do que vou expor, mas não os menosprezo. Construí este instrumento com base em outros já existentes e com adaptações que me auxiliaram de forma inequívoca a alcançar resultados mais positivos no atendimento com crianças.

O modelo a ser apresentado difere do adotado por Oaklander (1980), em que os pais e a criança são atendidos em uma mesma sessão inicial. Atendo primeiro os pais e depois a criança em outra sessão. Com sessões separadas, posso dedicar-me integralmente ao momento dos pais e ao momento do paciente.

Nesse primeiro contato pessoal com os pais – em algumas situações os pais são atendimentos separadamente –, colho dados significativos da criança, desde a sua gestação até o momento atual, seu histórico de doenças, seu relacionamento com a família, seu comportamento na escola, o seu dia a dia, possíveis traumas e, por fim, a demanda. Se não há como os pais estarem juntos na primeira sessão, solicito que venham separadamente. Não apenas os pais, mas outros membros da família da criança que também fazem parte de seu

átomo familiar podem ser convidados a darem relatos sobre o paciente quando se fazem necessários mais esclarecimentos sobre esse.

Essa é uma oportunidade de conhecer o universo da criança e obtermos informações das quais a criança não tem ciência. A problemática da criança a partir da visão dos pais e de outros membros da família é importante para levantarmos hipóteses, que serão comprovadas ou não durante a avaliação. Nesse primeiro contato, surgem esboços da dinâmica familiar (Seixas, 1992). Os pais são informados que farei uma avaliação com a criança e que, após esse período, serão convidados para a sessão que chamo de orientação aos pais.

Posteriormente, em outra sessão, atendo a criança a fim de começar sua avaliação. Essa avaliação engloba testes projetivos (Gonçalves, 1988), como HTP (Campos, 2014), desenho família e desenho livre, testes quantitativos, quando necessários, dramatizações de seu átomo familiar, do contexto escolar e de outras redes sociométricas, que fazem parte do átomo social (Moreno, 2008), dramatizações de situações do seu cotidiano e ludoterapia (por meio de marionetes, massinha, jogos, etc.). Esse apanhado de informações propicia uma leitura de como a criança se encontra em seus aspectos extra e intrapsíquicos.

A partir da avaliação, construo um atendimento personalizado, dando ênfase aos aspectos críticos que devem ser trabalhados. A construção do sociograma da criança faz-se necessário como uma leitura da sua rede de comunicações e relações interpessoais.

Dentro do protocolo de atendimento por mim desenvolvido, a primeira sessão com a criança é crucial, pois a partir dela será formado o vínculo primeiro com a criança. Nessa primeira sessão, explico o que é psicoterapia, o que é psicodrama e o que faremos juntas, sempre dentro da capacidade cognitiva da criança. Geralmente, montamos o seu átomo familiar nesse primeiro encontro, que é de suma importância como refere Filipini (2009).

As sessões posteriores são destinadas aos testes projetivos e quantitativos. Juntamente com os testes, vou investigando também os mundos interno e externo da criança por meio de brincadeiras, jogos e dramatizações de cenas do seu dia a dia que ocorrem na família, na escola e em outros lugares que fazem parte da sua rede de relações.

Concluída esta etapa da avaliação, passamos à orientação aos pais.

Relação com a família

Temos de ter em mente que, ao escolhermos atender crianças, invariavelmente a família deverá estar sempre presente e, muitas vezes, será também atendida. Qualquer trabalho psicoterápico para ter sucesso necessita da participação da família. Digo sempre que o psicoterapeuta fica com a criança, em média, uma hora por semana enquanto seus familiares convivem com ela o restante do tempo. Por isso, a família deve ser incluída no projeto de ajuda à criança. A inter-relação familiar é um processo dinâmico e contínuo (Gonçalves, 1988).

Na sessão de orientação aos pais, tudo o que foi realizado com a criança é informado e o resultado da avaliação é compartilhado com eles. Ao anunciarmos os resultados da avaliação, temos de ter o cuidado de começarmos pelos aspectos positivos que foram encontrados. Isso faz com que, na prática, os pais fiquem mais relaxados e abertos ao diálogo. Explico aos pais que aspectos que devem ser trabalhados na psicoterapia, a fim de que a criança tenha uma melhora significativa, também necessitam ser trabalhados em casa. Reitero que os pais devem ser nossos parceiros. Mas e quando eles são de certa forma os causadores dos problemas? Muitas vezes, a simples orientação de como proceder no papel de mãe e/ou de pai já esgota em grande parte o tratamento. Outras vezes, é necessária a indicação de psicoterapia também para os familiares, isoladamente ou em conjunto.

Algumas vezes, temos de indicar outros profissionais de saúde como médicos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, etc. Daí nos mantermos atualizados também em outras áreas afins, por meio de leitura, palestras e cursos.

A condução do tratamento foi traçada, os pais foram comunicados e orientados. Em seguida, iniciamos o tratamento em si.

Dramatização em si

A palavra “drama” vem do grego e significa “ação” ou “coisa feita”. Dessa forma, a dramatização é a produção de uma cena (Amato, 2002).

Gonçalves (1988) ressalta que o psicodramatista infantil se diferencia de outros psicoterapeutas infantis pelo seu preparo de propor cenas, jogos e procedimentos dramáticos.

No psicodrama bipessoal, o diretor tem de ficar atento ao protagonista e tem de ficar aquecido para o papel também de ego-auxiliar (Cukier, 2018).

São utilizadas as técnicas psicodramáticas, como recursos de ação, para garantir o envolvimento da criança e o desenrolar da cena protagonizada com fins terapêuticos (Filipini, 2014).

Por meio de técnicas psicodramáticas, durante a fase da dramatização, pode-se presentificar cenas ocorridas no seu dia a dia. Geralmente, nessa fase, há a expressão de impedimentos e conflitos, com tensão, agressividade e outras emoções.

A dramatização, ao se realizar no “como se”, no “aqui e agora”, permitindo a expansão da espontaneidade, promove a participação livre da criança e estimula a criatividade na produção dramática e na catarse ativa.

As fases clássicas da sessão psicodramática, que são aquecimento, dramatização e compartilhamento são diferentes no atendimento com crianças. Os pequenos aquecem-se rapidamente passando para a dramatização logo em seguida; mas o compartilhar geralmente

não existe. É na própria dramatização que se faz alguns apontamentos para a criança. Dependendo da idade, a criança já pontua como se sentiu durante a dramatização, mas não devemos colocar essa obrigatoriedade para a criança. Na fase do aquecimento, podemos utilizar vários recursos, como jogos dramáticos, brinquedos, marionetes, músicas, histórias ou até o clássico “como foi a semana?”. Isso vai depender da faixa etária e do como a criança se encontra naquele momento.

As dramatizações são, basicamente, um treino na representação de papéis, que facilita a percepção de si e do outro e do mundo a sua volta.

Momento da despedida

Como os filhos crescem e se vão, também nossos pacientes crianças tornam-se capazes de prosseguir sem nós e alçam voo.

Na verdade, a interrupção da psicoterapia com crianças deve ser dada quando a criança está apta a agir normalmente nos contextos que fazem parte da vida dela como já exemplificamos. Porém, o mais importante é se a criança voltou a agir como criança, ou seja, voltou a ser espontânea, dando novas respostas a problemas antigos e agindo de forma criativa diante de situações inusitadas.

Da mesma forma que é indescritível a sensação de ver nossos pacientes bem, é frustrante quando a psicoterapia não alcança seus objetivos. Às vezes, motivos outros que não dependem de nós surgem como mudanças inesperadas de domicílio, não aceitação por parte dos responsáveis do processo psicoterápico e assim por diante.

Em que momento a terapia deixa de ser necessária a uma criança? Tive algumas experiências de despedidas abruptas, que não foram adequadas. Todo o processo deve ser pontuado com início, meio e fim.

A partir do momento que percebo a melhora clínica no consultório, confirmo com os responsáveis como a criança está em casa, na escola e nos outros meios em que ela interage com outros. Após a confirmação por parte dos responsáveis com relação à melhora ou a supressão dos comportamentos inadequados (demanda inicial), começo um trabalho com o paciente para o momento da interrupção da psicoterapia. São trabalhos em que enfatizo o caminho transcorrido desde o início do tratamento até o momento.

No momento em que a criança está preparada para a “despedida”, ponto que é mérito dela a sua melhora e que está em condições de parar a psicoterapia. Porém, sempre deixo claro que, se necessário, estarei com as portas abertas para ela.

Geralmente, as sessões são distanciadas gradativamente: de encontros semanais passamos aos quinzenais e, por fim, aos mensais até chegarmos ao momento da despedida.

Considerações finais

“Existe psicodrama com crianças?” Eis a pergunta feita na introdução deste trabalho. Diante da exposição dos trabalhos psicodramáticos feitos na área infantil e do protocolo de atendimento bipessoal com crianças, a resposta é afirmativa. Sim, existe psicodrama com crianças.

O objetivo geral de trazer um resumo das obras de Moreno sobre o universo infantil e dos trabalhos feitos por psicodramatistas pós-morenianos no Brasil foi cumprido, bem como o objetivo específico de expor detalhadamente um modelo de protocolo infantil na abordagem psicodramática. O protocolo de atendimento apresentado neste trabalho é uma tentativa de melhor atender às crianças e suas famílias. Procurou-se oferecer mais uma alternativa de trabalhar com crianças no contexto psicodramático. Mas nada está acabado, estamos em constante movimentação, em constante mudança, em busca do verdadeiro ato criador (Moreno, 1993). Somos mais um referencial no atendimento infantil.

Acredito que ser psicodramatista e, mais, ser psicodramatista de crianças é muito especial, pois, além de termos o conhecimento necessário para esse atendimento diferenciado, temos de ter o que para mim é essencial, que é o gostar de estar com elas nesse processo de inter-relação (Filipini, 1994).

Por fim, na relação paciente-terapeuta, em que a criança ocupa o papel de paciente, e o terapeuta, no caso, é um psicodramatista, o ato terapêutico é feito passo a passo de forma conjunta, o que chamamos de cocriação (Nery, 2003).

Referências

- Amato, M. A. P. (2002). *A Poética do Psicodrama: o grupo autodirigido e a dinâmica da cena*. São Paulo: Aleph.
- Campos, D. M. D. S. (2014). *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e normas de interpretação* (47ª ed.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1969).
- Cukier, R. (2018). *Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente* (6ª ed.). São Paulo: Ágora.
- Ferrari, D. D. A., & Leão, H. M. G. (1984). Psicodrama infantil: teoria e prática. *Revista da FEBRAP*, 6(2), 50-64.
- Filipini, R. (1994). Psicodrama com crianças: algumas reflexões sobre a prática. In D. M. Bustos (Ed.), *O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática* (3ª ed.) (pp. 237-270). São Paulo: Ágora.
- Filipini, R. (2009). Reconfiguração sociométrica da família na contemporaneidade: os desafios de crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(1), 35-50. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100004&lng=pt&tlng=pt
- Filipini, R. (2014). *Psicoterapia psicodramática com crianças: uma proposta socionômica*. São Paulo: Ágora.
- Gonçalves, C. S. (1988). *Psicodrama com crianças: uma psicoterapia possível*. São Paulo: Ágora.
- Moreno, J. L. (1983). *Fundamentos do Psicodrama*. (Maria Sílvia Mourão Neto, Trad.) São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1959).

Moreno, J. L. (1993). *Psicodrama* (9ª. ed.) (Álvaro Cabral, Trad.) São Paulo: Cultrix. (Obra original publicada em 1946).

Moreno, J. L. (2008). *Quem sobreviverá?: fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama*. (Moysés Aguiar, Trad.) São Paulo: Daimon. (Obra original publicada em 1953).

Nery, M. P. (2003). *Vínculo e Afetividade: caminhos das relações humanas*. São Paulo: Ágora.

Oaklander, V. (1980). *Descobrendo Crianças* (15ª ed.) São Paulo: Summus.

Peres, V. L. A. (1985). Psicodiagnóstico Infantil: a utilização dos modelos psicanalítico e psicodramático. *Revista da FEBRAP*, 3(3), 101-114.

Petrilli, S. R. A. (1984). Abordagem psicodramática de uma criança e seus pais. *Revista da FEBRAP*, 6(1), 106-109.

Petrilli, S. R. A. (2002). Psicodrama com crianças: raízes, transformações, perspectivas. In *Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama, Bahia*.

Pinto, A. C., Lima, E. O., & Costa, A. M. B. C. (2009). Um espaço para ser: sociopsicodrama em um abrigo para crianças. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(1), 137-154. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100010&lng=pt&tlng=

Rebouças, R. M. S. (2008). Os objetos intermediários e intra-intermediários na psicoterapia psicodramática infantil em um caso de transtorno global do desenvolvimento. In Fleury, H. J., Khouri, G. S., & Hug, E., *Psicodrama e Neurociência* (pp. 163-188). São Paulo: Ágora.

Seixas, M. R. D. A. (1992). *Sociodrama familiar sistêmico: relações entre a teoria sistêmica/cibernética e o sociodrama familiar*. São Paulo: ALEPH.